

Hora de construir

Depois de uma campanha de segundo turno, alegre e irreverente, mas não enriquecida por debates profundos, os cidadãos brasilienses perfazem seu histórico encontro com as urnas. Com base nos processos de pesquisas de intenção de voto, logo se saberá, antes do findar do dia, o nome do vencedor do disputadíssimo pleito. Com esta certeza provisória, porque não oficial, a população se entregará aos exercícios de especulação intelectual, com vistas a saber como procederá o ganhador, tão pronto assuma o cargo e dê início às tarefas do governo.

Apesar de bastante animada, a campanha eleitoral no Distrito Federal foi pouco ilustrativa. Os dois candidatos, experientes homens públicos, dedicaram-se a um penoso trabalho de demolição de prestígio, que não redundou em qualquer ensinamento. E, o que é pior, deixou os eleitores com dúvidas a respeito dos dois concorrentes. Eles agiram como se o processo político terminasse com a eleição e se pudesse fazer tábula rasa dos conceitos emitidos no fragor das discussões.

Se os candidatos subestimaram a inteligência dos brasilienses, eis um erro de avaliação pelo qual terão de responder no momento oportuno. Um deles, porém, o vencedor, obriga-se a novas modalidades de comportamento público, por respeito à força da

cidadania e de nova avaliação que a humildade e o bom senso estão a recomendar.

O próximo governador do DF terá, pela frente, difíceis empreitadas a conduzir. Brasília, em particular, por ter apresentado qualidade de vida superior à de outras capitais, tornou-se pólo de atração de brasileiros desesperançados e tangidos até aqui por todos os tipos de carências. Em consequência desse êxito que a miséria comanda, o governo local tem que suprir as necessidades de uma população há muito tempo estabelecida e a de outra flutuante, sempre em busca de facilidades de moradia, educação, saúde etc.

Para atender a essa agenda de itens críticos, e ainda criar as oportunidades de trabalho que escasseiam, o novo governante não pode restringir-se ao apoio de seus correligionários da primeira hora ou de admiradores movidos por interesses pessoais ou empresariais. O escolhido tem por obrigação fazer uma chamada geral das forças vivas do DF e conclamá-las a uma união sem pré-requisitos, todo o esforço visando ao progresso e ao bem-estar da comunidade brasiliense. Extinto o fogo da disputa, esváida a fumaça da rivalidade e recolhidos os eventuais destroços, a hora é de construir, sem rancor e com muita confiança no futuro.